



A PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIALISTA E SUA APLICABILIDADE EM CRIANÇAS

Marcelo Peres Geremias

marcelo.peres@live.com

Pablo Michel Barcelos Pereira

leipzig.pablo@gmail.com

Sandra Regina de Barros de Souza

barrossandra@hotmail.com

Resumo: Este trabalho configura-se como uma revisão teórica, que teve como objetivo descrever, como ocorre o processo de psicoterapia infantil a partir da psicologia fenomenológica existencialista. O estudo apresentou alguns dos principais conceitos metodológicos dessa abordagem, tais como a consciência, projeto de ser, matéria trabalhada, alienação e a mediação para a apropriação do mundo humano pela criança. Como conclusões desse estudo, foi possível realizar uma reflexão a partir das práticas realizadas nos processos de psicoterapia infantil com a Psicologia existencialista, na qual percebeu-se que se trata de uma discussão recente e pouco explorada pelos estudiosos da psicologia de forma geral.

Palavras-chave: Psicologia clínica existencialista; Psicoterapia infantil; Mediação.

Introdução

Os avanços do sistema econômico capitalista vêm construindo novos modelos de relações nos âmbitos universal (econômico e social) e singular (individual e subjetivo); alterando a maneira como as crianças são mediadas para a apropriação do mundo humano pelas famílias. Nesse sentido, compreender o *modus operandi* e o *modus vivendi* deste momento histórico se faz necessário para poder pensar em alternativas viáveis para oportunizar métodos de intervenção psicológica que deem conta de resolver os problemas psicológicos oriundos deste modelo de sociedade que estão presentes nas crianças desde a mais tenra infância.

Ao criticar a tradição filosófica metafísica que se estendeu até a modernidade, alcançando a ciência cartesiana com suas concepções



naturalizantes, Jean-Paul Sartre, filósofo francês, dedicado pensador no campo da psicologia, abre um caminho de discussão para que seja possível repensar as bases teórico-metodológicas que norteiam a psicologia clínica infantil contemporânea. Seu objetivo era construir um novo modelo teórico que pudesse acompanhar este movimento sócio histórico e os avanços científicos. Assim, o filósofo acaba por revolucionar não somente o pensamento filosófico-científico como também a ideia que se tem acerca do processo de personalização humana (SCHNEIDER, 2011).

Sartre (1997) afirmava que sua psicanálise existencial (termo criado por ele para se diferenciar da psicanálise de Freud) ainda não havia encontrado o seu Freud, sugerindo que apesar de deixar uma grande contribuição para a construção de um novo modelo de abordagem psicológica, era preciso que suas bases teórico-metodológicas fossem estudadas e ampliadas, visto que traziam uma nova concepção acerca da ontologia e epistemologia humana.

Sartre por ser filósofo tinha seus limites e precisava encontrar homens das ciências humanas, sobretudo da psicologia, para dar continuidade ao seu trabalho. O caminho para a ciência se deu a partir de Laing e Cooper (1982), psiquiatras que aplicaram pela primeira vez no contexto da clínica as ferramentas criadas por Sartre, focando seus trabalhos na mediação familiar de pessoas num quadro de esquizofrenização.

Pretto (2015) argumenta que apesar de existir certa similaridade na maneira como algumas crianças adquirem conhecimento e experimentam a sua infância, não se deve considerar o fenômeno como um acontecimento universal e naturalizante. A autora afirma ainda que “[...] cada realidade social, econômica, geográfica e cultural oferece diferentes campos para uma criança crescer, o que faz com que as crianças tenham vivências muito díspares e múltiplas que ferem a lógica das etapas universais de desenvolvimento” (PRETTO, 2013, p. 623).

Ou seja, existem diferentes condições de possibilidades para o fazer-se criança. Condições biológicas, materiais, econômicas, sociais, históricas, e também afetivas que implicam na maneira como cada criança experimenta a sua infância e se apropria do mundo em que se insere.



Isso demonstra a importância em refletir sobre os elementos que constituem o horizonte de possibilidades para este movimento histórico-dialético de singularização da criança, bem como os determinantes para o aparecimento de complicações psicológicas no decorrer do seu processo de constituição da personalidade e apropriação do mundo.

A construção da personalidade

Conforme argumenta Schneider (2011) o ser humano é social por excelência. Uma criança afastada do convívio social não se personaliza e nem se apropria das características propriamente humanas, como linguagem, reflexão, hábitos alimentares e de vestuário, entre outras. A construção da personalidade e dos projetos fundamentais de cada indivíduo ocorre a partir de um processo dialético onde. Essa estrutura social em que o sujeito está inserido fornece o horizonte em que encontrará os parâmetros para construir sua singularidade, apropriando-se ativamente desse conjunto de práticas sociais, valores, de conhecimentos, de ideologias, de afetividades, histórica e antropologicamente construídas.

Os principais responsáveis pela inserção social da criança são as pessoas mais próximas a ela, geralmente a família, que através da mediação “[...] realizam a intersecção dos valores sociais e culturais mais gerais, com as necessidades mais imediatas e concretas do sujeito, constituindo assim seu processo de sociologização” (SCHNEIDER, 2011, p. 159).

O estabelecimento das primeiras relações cotidianas possibilita à criança forjar o seu ser, que ao interiorizar a estrutura dos grupos primários em que se insere, reexternaliza-as em práticas que demonstram sua alienação, fazendo ser aquilo que dela fizeram inicialmente. “Dessa forma, o que encontramos na infância são atitudes, ações, emoções que sempre tem sua origem em uma determinação interiorizada, passando por um processo de totalização e destotalização do ser da criança, no seio de suas relações fundamentais” (SCHNEIDER, 2011, p. 161).



Conforme discute Sartre (1984) no seu livro intitulado *As Palavras*, em que descreve as mediações realizadas pelo seu avô buscando levá-lo à apropriação do mundo através dos livros. A maneira como o seu avô se dedicava aos livros despertava em Sartre, desde antes mesmo de aprender a ler, um interesse pelos conteúdos contidos nos livros. Nesse sentido, o mundo externo a biblioteca do avô não lhe chamava a atenção. Brincadeiras comuns às crianças como brincar na terra, jogar pedras nos passarinhos, entre outras, não faziam parte da realidade cotidiana do menino. Era nos livros que Sartre encontrava “seus passarinhos”, a biblioteca do seu avô era o seu campo. Percebe-se com isso, a importância da mediação do avô para que Sartre se aproprie de um mundo em particular, aquele que lhe foi apresentado.

As crianças se fazem crianças na relação com os adultos. Nesse sentido, Sartre tornou-se uma criança para os livros a partir da relação que estabelecia com seu avô. No entanto, fazer-se criança na relação inicial com o adulto não garante tornar-se um ser-para-si.

Resultados e Discussão

Segundo Pretto (2009, p.394) “[...] o objetivo do atendimento psicológico é criar condições, junto aos sujeitos, para que sejam capazes de superar dificuldades, e auxiliá-los a reconstruir seus projetos de ser”. Na abordagem fenomenológica existencialista o atendimento clínico adota como movimento psicoterapêutico a mediação enquanto ferramenta para a resolução das situações de impasse vivenciadas na dinâmica psicológica do sujeito (SCHNEIDER, 2011).

No mesmo sentido da ideia anterior e complementando-a, Langaro, Santos e Pretto (2009), atestam que o atendimento clínico consiste em abordagem ou intervenção por meio de técnicas e instrumentos psicoterapêuticos, que implicam na mediação junto ao sujeito, provocando o desenvolvimento de mecanismos que possibilitem ao paciente alterar a situação de impasse e com isso viabilizar ou até mesmo, redefinir os seus projetos de ser.



Para que isso possa bem suceder, é necessário primeiramente realizar uma profunda investigação acerca da dimensão de ser do paciente, ou seja, investigar quais são seus aspectos objetivos (época, cultura, nível social, estrutura familiar, etc.). Elementos estes que determinam os contornos do ser e o definem enquanto sujeito concreto (SCHNEIDER, 2011).

Logo, pressupõe-se que a personalidade é constituída frente a esse complexo processo de mediações em que é possibilitado ao sujeito apropriar-se da objetividade do mundo, para em seguida, agir diante dele por meio das suas escolhas. Schneider (2011) argumenta que estas escolhas estão ligadas ao seu desejo de ser e relacionam-se com a escolha essencial que é o próprio projeto fundamental num movimento de totalização em curso, ou seja, seu ser.

Nas palavras de Sartre (1978, p. 177), “o homem define-se pelo seu projeto. Esse ser material supera perpetuamente a condição que lhe é dada; revela e determina sua situação, transcendendo-a para objetivar-se, pelo trabalho, pela ação ou pelo gesto”. Desta dialética entre subjetividade e objetividade emerge a máxima sartriana de que “[...] o importante não é o que fazem de nós, mas sim aquilo que nós fazemos do que fizeram de nós” (SCHNEIDER, 2011, p. 248).

Langaro, Santos e Pretto (2009), alegam que ao agir, o homem se lança em direção ao futuro e, que ao mover-se no mundo, poderá deparar-se com dificuldades que poderão inviabilizar seus projetos. Ao enfrentar essas dificuldades, o sujeito percebe seu projeto ameaçado, e em decorrência disso podem surgir complicações psicológicas.

Por ter uma visão crítica acerca das concepções que foram instituídas ao longo do processo de desenvolvimento da Psicologia com relação ao sofrimento psicológico e as condições psicopatológicas manifestadas pelos pacientes clínicos. Ao invés de utilizar a terminologia *doença mental*, a Psicologia fenomenológica existencialista tem preferência pelo uso do termo *complicação psicológica* para referir-se aos impasses vivenciados pelas pessoas que sofrem de processos psicopatológicos (SCHNEIDER, 2011).



Pode-se entender, que de maneira geral o processo psicoterapêutico tem como principal função mediar o sujeito na ressignificação do seu ser no mundo, possibilitando-o realizar ações que possam transformar a sua realidade concreta e dessa forma, transcender os problemas que lhe afetam e viabilizar seus projetos fundamentais. Torna-se importante ressaltar que a Psicologia fenomenológica existencialista tem, atualmente, pensado a psicoterapia infantil, mas tal intento é novo no curso desta perspectiva clínica. Nesse sentido, a intenção deste trabalho é apontar possibilidades e refletir caminhos para contribuir com a discussão acerca desta emergente necessidade, a Psicoterapia Infantil. Ler a infância sob a ótica da Psicologia fenomenológica existencialista é aqui nosso desafio.

Bertolino (2012) afirma que “[...] com efeito, o suporte teórico-metodológico para ambos os casos é o mesmo. Porém, há diferenças de estratégia que precisam ser esclarecidas ou especificadas, evitando inconveniências.” No caso do trabalho realizado com crianças, o método de intervenção adquire outra complexidade, visto que a criança se lança para as situações que vivencia de maneira espontânea, que para a teoria fenomenológica existencialista é a condição primeira da apropriação do mundo, quando o ser do existente “[...] não aparece como objeto para a consciência, mas é afetado psicofisicamente por essas experiências.” (PRETTO, 2013, p. 625)

Desta forma, até que tenha um número suficiente de experiências que a possibilite colocar-se em questão, a criança fica impedida de ter uma postura crítica acerca do seu ser no mundo, dos seus direitos e responsabilidades, bem como da maneira como tende a lidar com as dificuldades que lhe afetam. Outrossim, o caminho psicoterapêutico percorrido se distancia do procedimento adotado pelo adulto, na maior parte das vezes, pois o adulto, por ter consciência crítica de si, pode rever suas questões vividas e ressignificá-las. No caso da criança, estando ela em processo de apropriação, a direção de sua viabilização e superação dos impasses psicológicos se dará pelo esforço da mediação do psicoterapeuta, da família e dos outros principais mediadores que compõem seu contexto sociológico. Precisa-se pensar não somente na mediação da criança,



pelo psicoterapeuta, mas também daqueles que compõem o horizonte sócio-antropológico da mesma, ou seja, seus mediadores fundamentais. Serão eles que, ao acompanhar o processo de apropriação do mundo da criança, farão as principais mediações, ajudando-a a superar as suas dificuldades.

Considerações Finais

A psicoterapia infantil a partir da Psicologia fenomenológica existencialista, além do trabalho que é realizado diretamente com a criança, é imprescindível intervir também junto aos seus mediadores fundamentais, como pais, avós, professores, entre outras pessoas que a partir da função mediadora que exercem, participam ativa e cotidianamente da constituição de sua personalidade. De outro modo, sem uma efetiva implicação dos sujeitos que constituem estas relações mediadoras fundamentais, o trabalho psicoterapêutico pode tornar-se dificultoso e ineficiente, pois não atingirá as principais condições de possibilidades para a superação da complicação psicológica experimentada pela criança, tal como as que ainda poderão surgir no decorrer do seu processo de apropriação do mundo.

Referências

BERTOLINO, Pedro. **Psicoterapia Infantil**: (Atendimento de consultório a crianças). 2012. Disponível em: <<http://existencialismosartreano.blogspot.com.br/2012/09/psicoterapia-infantil-atendimento-de.html>>. Acesso em: 21 de outubro de 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAING, Ronald. & COOPER, David. **Razão e Violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.



IV SEMINÁRIO DE FILOSOFIA E SOCIEDADE: GOVERNO E GOVERNANÇA,
DIREITOS HUMANOS E BIOPOLÍTICA E
V COLÓQUIO SOBRE EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO CULTURAL E SOCIEDADE

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009

PRETTO, Zuleica. **A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história**. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 623-630, 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300016&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 de Julho de 2015.

PRETTO, Zuleica. **Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na ilha de Santa Catarina (2010-2014)**. Florianópolis, SC, 2015.

PRETTO, Zuleica; LANGARO, Fabíola. **Pais e filhos em psicoterapia: o atendimento clínico com uma criança**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. 4, p. 1028-1037, 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000400019&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 de outubro de 2015.